



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 07, pp. 37446-37451, July, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19182.07.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CHILD WITH AUTISTA SPECTRUM DISORDER: A MOTHER'S VISION

¹Vitoria Gomes dos Santos, ²Luciana Ferreira de Souza, ³Francisca das Chagas Alves de Almeida, ⁴Janine Marta Coelho Rodrigues, ⁵Gabriela Lisieux Lima Gomes, ⁶Bárbara Trajano Rodrigues Alves, ⁷Dariele Dias Dutra, ⁸Thully Gleice Marinheiro Leonardo, ⁹Rosimery Alves de Almeida Lima and ¹⁰Aline Freire Falcão

¹Vitoria Gomes Dos Santos. Enfermeira. Unipê - João Pessoa, Paraíba; ²Luciana Ferreira de Souza, Enfermeira, Mestra em Modelos de Decisão e Saúde pelo Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPB. Coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança do Estado da Paraíba e do Núcleo de Ensino e Pesquisa do Complexo de Pediatria Arlinda Marques do Estado da Paraíba; ³Francisca das Chagas Alves de Almeida. Docente. Mestra em enfermagem pela UFPB. João Pessoa, Paraíba; ⁴Janine Marta Coelho Rodrigues, Pós Doutorado, PhD pelo curso de psicologia da educação PUC, SP. João Pessoa, Paraíba; ⁵Gabriela Lisieux Lima Gomes. Enfermeira, Especialista em Enfermagem na Pediatria e Neonatologia, Mestre e Doutora em Enfermagem pelo PPGENF/UFPB. João Pessoa, PB; ⁶Bárbara Trajano Rodrigues Alves. Enfermeira, Unipê - João Pessoa, Paraíba; ⁷Dariele Dias Dutra. Especialista enfermagem em terapia intensiva, Unipê, João Pessoa, PB; ⁸Thully Gleice Marinheiro Leonardo. Enfermeira. Especialista em enfermagem do trabalho, Laboro-RJ. João Pessoa, Paraíba; ⁹Rosimery Alves de Almeida Lima. Doutoranda pela Universidade Federal do Ceará, Sousa - Paraíba; ¹⁰Aline Freire Falcão. Orientadora do manuscrito. Docente, especialista em Terapia Intensiva instituição de ensino: Cbpx/Fabex. João Pessoa, Paraíba

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th April, 2020
Received in revised form
09th May, 2020
Accepted 20th June, 2020
Published online 24th July, 2020

Key Words:

Criança. Enfermeiro. Família.
Transtorno do Espectro Autista.

*Corresponding author:

Vitoria Gomes dos Santos

ABSTRACT

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de distúrbios caracterizado por comprometimento neurológico que atinge áreas da fala, concentração e habilidades sociais, além de comportamentos incomuns. **Objetivo:** Avaliar os impactos causados as mães diante do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista no seu filho, analisar como as mães recebem a notícia do diagnóstico de seu filho com o Transtorno do Espectro Autista, investigar a percepção da mãe quanto o Transtorno do Espectro Autista, identificar as dificuldades enfrentadas no início do tratamento de seu filho. **Método:** O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo exploratória de perfil qualitativo. O estudo qualitativo confere ao levantamento de resultados fundamentados na coleta de dados e entrevistas. Realizado na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência, foi usado um instrumento com 10 questões a amostra com 12 mães. De acordo com a resolução 466/12 a partir do parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa sendo aprovado com CAAE:17145719.6.0000.5176. **Resultado:** A idade predominante na amostra, foram de 10 e 11 anos (50%), que a maioria das mães eram casadas (83,33%) e a maioria das crianças/adolescente do sexo masculino (83,33%). **Discussão:** Para melhor discutir as falas da pesquisa foi preciso dividir em quatro categorias: Mãe, autismo e independência; O impacto do autismo na vida das mães; O Transtorno do espectro autista e a aceitação nos espaços sociais; O Transtorno do Espectro Autista e a carência de informação. **Considerações finais:** O TEA ainda é uma incógnita para muitas mães, algumas, não receberam todas as informações que precisam frente ao diagnóstico, elas entendem que é um transtorno que não tem cura e que precisa ser cuidado para o resto da vida.

Copyright © 2020, Vitoria Gomes dos Santos et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Vitoria Gomes dos Santos, Luciana Ferreira de Souza, Francisca das Chagas Alves de Almeida et al. "Child with autista spectrum disorder: a mother's vision", *International Journal of Development Research*, 10, (07), 37446-37451.

INTRODUCTION

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de distúrbios caracterizado por comprometimento neurológico que atinge áreas da fala, concentração e habilidades sociais, além de comportamentos incomuns. Apesar desses sintomas, o Transtorno do Espectro Autista tem graus de comprometimento, mesmo com todos estes distúrbios, as pessoas com grau leve

conseguem viver normalmente por ter o quociente de inteligência (QI) não atingido pelo transtorno, já outras com o grau severo e com habilidades prejudicadas não conseguem desenvolver atividades do dia a dia (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017). A descoberta do Transtorno do Espectro Autista na criança torna-se um impacto na mãe, modificando toda a rotina e causando grandes estresses nos membros familiares. As crianças com TEA têm dificuldade de conviver com muitas

peças, por isso os pais tendem a renunciar a vida de antes, até haver a ruptura total dos vínculos sociais. A qualidade de vida dos pais acaba prejudicada por falta da interação social dos filhos e o não entendimento da comunidade (BARBOSA; FERNANDES, 2009). Estudos relatam que cuidadores, pais e mães com o tempo desenvolvem algum tipo de problemas de saúde mental, pois dedicam-se a maior parte do dia as necessidades da criança, e deixam de participar das atividades sociais gerando conflitos conjugais, emocionais, psicossocioeconômicos (PEREIRA BORDINI; ZAPPITELLI, 2017). Ao longo dos anos o Transtorno do Espectro Autista aumentou consideravelmente na população, e até hoje não se sabe a causa do transtorno. Sendo assim, ainda não existe a cura ou o que fazer para evitar o TEA. Hodiernamente, a ciência sabe que o transtorno atinge partes nobres do cérebro como a comunicação, linguagem, interações sociais e afeta o desenvolvimento normal da criança (FERNANDES; SANTOS; MORATO, 2018). O Transtorno do Espectro Autista é um retrocesso significativo no crescimento e desenvolvimento de uma criança. Hoje com aumento de crianças autistas, ainda sem conhecimento da causa do transtorno, surge um interesse em estudar sobre este tema, e verificar também a visão familiar no processo de adaptação.

O termo Autismo infantil, foi colocado na literatura médica pelo Dr. Leo Kanner que observou em um consultório médico, crianças com as mesmas características, sendo eles isolamentos sociais, palavras e movimentos repetitivos, falta de comunicação com seus pais. Crianças que deveriam estar em comunicação com outras brincando e interagindo. Foi observado que a maioria das crianças com essa sintomatologia eram meninos (GONÇALVES *et al.* 2017). O Transtorno do Espectro Autista atinge três principais áreas são elas: habilidades comportamentais, habilidades auditivas, e habilidades sociais. Geralmente, o TEA é descoberto nos primeiros anos de vida, quando a criança não acompanha o desenvolvimento normal e comum que deveria, para a sua faixa etária. Normalmente os pais começam a desconfiar quando as crianças não atendem chamados do seu nome suspeitando de problemas auditivos, ou começam a retroceder o que já havia aprendido (MAIA *et al.*, 2016). O Autismo é uma alteração neurológica, que afeta várias partes do sistema nervoso, por isso, a intervenção no tratamento precisa ser multiprofissional para que a qualidade de vida da criança seja preservada e alcance bons resultados, de acordo com as limitações e necessidades do paciente. Além disso, é importante o comprometimento dos pais para com o tratamento que não tem a cura, mas pode amenizar os sintomas do transtorno (LOCATELLI; SANTOS, 2016). O TEA é conhecido pelos prejuízos de interação social, cognitivas e comportamentais, a criança não sorri em resposta ao estímulo, não sustenta contato visual, não balbucia, demora a aprender a falar e/ou andar. O Transtorno apresenta-se de formas distintas dependendo da gravidade, da idade cronológica e do nível de desenvolvimento. Quanto mais tarde for o diagnóstico mais prejuízo a criança terá (CORREA; SIMAS; PORTES, 2017).

Geralmente o TEA é percebido pelos pais aos 2 a 3 anos de idade, quando a criança deveria desenvolver a parte das habilidades comunicativas, é nessa faixa etária que as crianças começam a mostrar o desenvolvimento verbal e não verbal, com a descoberta, é importante todo apoio dos pais a criança para adaptação a uma nova rotina (MAIA *et al.*, 2016). A Criança no TEA precisa de uma atenção especial na escola, sendo assim, com o aumento do Transtorno na população, as

políticas públicas foram atualizadas para que os professores compreendessem e planejassem algumas adaptações, dependendo do grau de comprometimento, para que esta criança possa ter um ensino de qualidade como qualquer estudante, no qual deveriam usufruir das oportunidades educacionais voltadas às suas necessidades de aprendizagem (CABRAL; MARIN, 2016) As mães muitas vezes são os principais cuidadores de seus filhos com o Transtorno do espectro Autista em relação aos pais, por isso tendem a sofrer uma sobrecarga maior de estresse devido aos cuidados domésticos e as demais atividades. Sendo assim, tamanha responsabilidade pode resultar em problemas de saúde mental e física, problemas com o conjugue, social e com demais filhos (MOXOTÓ; MALAGRIS, 2014). A gestação é um período importante e único para a mulher, na gravidez ela, e todos os familiares que a acompanham de perto idealizam um filho perfeito e cheio de saúde. A partir do diagnóstico do TEA, com o retardo de desenvolvimento da criança, os pais e familiares precisam adaptar-se a uma nova realidade e mudar a dinâmica familiar para a melhor qualidade de vida da criança. Essa mudança pode levar a um desconforto emocional e prejudicar a vida social daqueles mais envolvidos (GOMES *et al.*, 2014).

A notícia do diagnóstico do TEA pode causar um grande impacto para a família. Por isso, precisa ser dado de forma dialógica, por uma equipe multiprofissional e com profissionais que já tenham vínculo com a família durante o acompanhamento para a confirmação. A forma que será revelada a família, deve ser bastante considerável e cuidadoso, pois é uma situação que mudará toda a rotina familiar (PINTO *et al.*, 2016). A sobrecarga de uma criança com o Transtorno do Espectro Autista, atinge principalmente as mães, que na maioria dos casos, cuidam dos seus filhos e são abandonadas pelo cônjuge, pela significativa mudança de atividades diárias, podendo gerar depressão materna atingindo diretamente a mãe e a criança. Para que não haja sobrecarga, o pai precisa entender que é compromisso dele também está ativo nas necessidades da criança. A família precisa estar em vínculo com os pais, e ajudar nas atividades e exigências especiais (MISQUIATTI *et al.*, 2014). Os objetivos deste estudo são avaliar os impactos causados a mãe diante do diagnóstico do transtorno do espectro autista no seu filho, analisar como a mãe recebe a notícia do diagnóstico de seu filho com o Transtorno do Espectro Autista, investigar a percepção da mãe em relação ao Transtorno do Espectro Autista, identificar as dificuldades enfrentadas no início do tratamento de seu filho. A questão que norteou o trabalho foi: Quais os impactos causados na mãe quando recebe a notícia do Transtorno do Espectro Autista? Sendo assim, a hipótese para essa pesquisa é: Após receber a notícia do Transtorno do Espectro Autista a mãe apresenta fragilidade e pouca destreza em lidar com a situação do filho.

MÉTODOS

O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo exploratória de perfil qualitativo, esse refere-se ao levantamento de resultados fundamentados na coleta de dados e entrevistas (MARCOS, 2006). A pesquisa foi realizada a partir de um instrumento contendo 10 questões em forma de entrevista com 12 mães de crianças/adolescentes de 8 a 15 anos com o Transtorno do Espectro Autista, no período de setembro e outubro que estão cadastradas na Fundação Centro Integrado de Apoio a Pessoa com Deficiência (FUNAD) no município de João Pessoa/ PB

Brasil. Para Bardin (2011), a categorização é um processo do tipo estruturalista, e consistem em organizar os objetos de um dado universo agrupando os elementos que apresentam características incomum, impondo certa organização as mensagens através de uma representação simplificada dos dados em bruto. Os critérios de inclusão são mães de crianças/adolescentes de 8 a 15 anos com Transtorno do Espectro Autista que estão cadastradas na FUNAD, que estavam presentes no momento da pesquisa e aceitaram participar do estudo e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que tinham crianças apenas com o transtorno sem doenças associadas. Os critérios de exclusão são asmães de crianças fora da faixa etária indicada, mães que, mesmo presentes, neguem-se a participar e mães de crianças que tinham outras patologias associadas ao transtorno. Para levantamento dos dados, foi aplicada uma entrevista, semi-estruturada, com questões voltadas à temática. Foi usado pelo pesquisador o material escrito e o gravador do celular em modo avião para registro das falas dos participantes da pesquisa. O tratamento e análise dos dados foram feitos por meio da técnica de análise de conteúdo e, categorização das falas, investigadas e discutidas por literatura apropriada. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (BARDIN, 2011). A pesquisa atendeu o que preconiza a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o respeito da vida humana sendo levado em consideração, a Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, com a carta de anuência da instituição onde foi realizada a pesquisa, sendo aprovada pelo CEP com CAAE de número 17145719.6.0000.5176 É válido destacar o fato de que as mães foram identificadas como: Mãe 01, Mãe 02, Mãe 03..., com o intento de preservar o anonimato.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi composta por 12 mães que estavam cadastradas na FUNAD e estavam presentes no período da coleta. A tabela 01 demonstra a caracterização das mães participantes. E a tabela 02 a caracterização dos filhos das participantes do estudo.

Tabela 1. Caracterização das mães: Por idade da Criança/Adolescente, Sexo da Criança/Adolescente, Estado Civil da Mãe, 2019. (N=12)

Estado civil da Mãe	n	%
Solteira	2	16,7%
Casada	10	83,3%
União Estável	0	0%
Viúva	0	0%
Divorciada	0	0%
Outros	0	0%

Fonte: Dados do autor, 2019

Tabela 2. Caracterização dos filhos das participantes: Faixa etária da Criança/Adolescente, Sexo da Criança/Adolescente, 2019. (N=12)

Faixa etária da criança/ adolescente (em anos de idade)	n	%
8 e 9	2	16,7%
10 e 11	6	50%
12 e 13	3	25%
14 e 15	1	8,3%
Sexo da criança/ adolescente	n	%
Feminino	2	16,7%
Masculino	10	83,3%

Fonte: Dados do autor, 2019

Foi identificado na tabela 1 que a idade predominante dos filhos das mães participantes da pesquisa, foi na faixa etária de

10e 11 anos de idade (50,0%), que a maioria das mães casadas (83,3%) e a maioria das crianças/adolescente do sexo masculino (83,3%), a respeito do estado civil da mãe. Além dos dados sócios demográficos, as participantes da pesquisa também responderam perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. As respostas a seguir foram categorizadas de acordo análise proposto por Bardin. Sendo assim, após a técnica de análise temática caracterizada pela descrição das falas, identificação de significados similares e diferentes, interpretação e formulação dos achados, emergiram cinco categorias: Diante de toda a pesquisa a discussão foi dividida em cinco categorias: Mãe, autismo e independência, O impacto do autismo na vida das mães, O TEA, a escola e a aceitação, O impacto das mães frente ao diagnóstico, O TEA e a falta de informação.

Categoria 1-Mãe, autismo e independência

“...O principal foi a questão da independência porque uma criança com autismo requer certos cuidados, então diante disso a gente tem que ter certa renúncia, eu até hoje não consegui voltar ao mercado de trabalho...” (MÃE 1)

“...A gente vai do luto à luta...” (MÃE 4)

“...Tem sempre aquela preocupação de como, não ele em relação ao mundo, mas o mundo em relação a ele...” (MÃE 7)

As mães relatam nas falas acima, que uma das maiores preocupações é a independência do seu filho, de que o mundo não está preparado para conviver com as pessoas que precisam de necessidades especiais. A renúncia da mãe para com sua própria vida é bem clara nas citações, a descoberta do autismo as leva a querer o melhor para o filho independente que qualquer obstáculo. O autismo é um transtorno que mostra sinais ainda na infância, tendo que passar por vários profissionais para fechar o diagnóstico certo, que pode durar meses ou anos. De longa confirmação, o diagnóstico que pode além dos comprometimentos físicos, também comprometer a independência da criança na vida adulta e da mãe (CONSTANTINIDIS; SILVA; RIBEIRO, 2018). Toda mãe espera ansiosamente pela nova vida que virá. Depois do nascimento, quando surgem os primeiros sinais de que algo pode ser diferente, surge o desespero de que pode ser diferente tudo que ela almejou e que toda sua vida poderá mudar. Mães que são capazes de mover o mundo por inclusão e buscar viver o mais normal possível (SMEHA; CEZAR, 2011).

Categoria 2 - o impacto do autismo na vida das mães

“...Nenhuma mãe quer um filho especial, então vem aquele choque, mas também vem a calma, a certeza de quando você tem um diagnóstico fechado você vai saber tratar diretamente aqui...” (MÃE 1)

“...Foi um pesadelo né? No começo, a gente fica perdido, o que é, não sabe como vai ser daqui pra frente, foi um luto...” (MÃE 4)

“...A minha reação, fiquei muito triste, chorei muito, até porque eu não sabia o que era autismo, pensava que era coisa de outro mundo...” (MÃE 5)

“...A minha reação fiquei triste né? Muito triste mesmo, querendo realmente que não fosse verdade...” (MÃE 6)

“...Foi impactante...” (MÃE 8)

“...Foi um pouco difícil confesso, até porque o autismo, na época que ela veio falar que meu filho era autista, ele ainda tava assim... muito... hoje tá muito aberto, reportagens, as pessoas explicando...” (MÃE 10)
 “...Eu fiquei muito assustada...” (MÃE 12)

As falas também mostram mães guerreiras, mães que vão à luta sem ter medo do que enfrentar, mães que não tinham conhecimento sobre o TEA, o dia a dia que muda completamente. Uma criança no TEA precisa ter toda essa rotina de terapias para o avanço no desenvolvimento. Nas falas acima, muitas mães reagem impactadas frente ao diagnóstico fechado do TEA, logo, vem à força para lutar e buscar todas as informações sobre o autismo. O apoio do esposo/companheiro é de suma importância nesse momento delicado, para um ser o apoio do outro, a criança autista precisa dessa rotina cheia de atividades para o desenvolvimento. Na família causa um grande desespero, sentimento de angústia, O impacto de um diagnóstico fechado a mãe que tanto idealizou seu filho perfeito, acaba naquele momento. Diante disso, as mães lutam diariamente com cada fase que a criança/ adolescente chegar (MAIA *et al.*, 2018). Apesar do impacto, as mães buscam ajuda assim que tem a confirmação do diagnóstico, isso faz com que a criança possa ter uma vida o mais próximo ao normal possível, pois, quanto mais cedo for às intervenções mais as crianças terão um avanço positivo. Isso são práticas de mães centradas que buscam sempre mais (COSSIO *et al.*, 2017). A importância do tratamento da criança/adolescente com o TEA é para o desenvolvimento que deveria ser natural, será crescente de acordo com os atendimentos semanais e contínuos para recuperar um pouco da fala, interação social possibilidades de tratamento e minimizar vários sintomas (LEMONS *et al.*, 2016). O apoio aos pais é necessário, pois eles passam por um período de adaptação, a rotina muda completamente, o diagnóstico exige algumas renúncias, é um momento que os pais estão sujeitos a aceitação e rejeições, por isso é importante o acompanhamento psicológico por causa da sobrecarga física e mental com quem estar mais perto da criança/adolescente para poder ser suporte (MAIA *et al.*, 2016).

Categoria 3—o tea, A aceitação nos espaços sociais

“... A maior dificuldade eu acho que até hoje é a escola...” (MÃE 1)
 “...O aceitamento das pessoas...” (MÃE 6)
 “...A dificuldade maior é no núcleo familiar, porque tem a questão da aceitação...” (MÃE 7)
 “...A aceita da escola, ela nega, a escola não aceita ela nega, a matrícula da criança autista ela é excluída...” (MÃE 10)
 “...A aceitação, o olhar de outras pessoas...” (MÃE 11)

As falas das mães relatam as maiores dificuldades encontradas depois do diagnóstico, as escolas não estão preparadas para receber as crianças e adolescentes com o TEA o que causa um estresse muito grande a família. Uma das dificuldades é a aceitação na própria família, os olhares e os julgamentos, as mães que além de lutar para dar uma vida digna ao seu filho que dependente dela, ainda precisa lidar com a falta de empatia. Todas as crianças pela lei com ou sem deficiência tem o direito de estudar, de aprender a ler e escrever nos primeiros anos de vida. Todas as intervenções das crianças são criadas em conjunto, uma serie de profissionais e de atividades, dentre elas está à escola, a escola precisa ser

colaboradora, para que o maior beneficiário seja a criança/adolescente (BENITEZ; DOMENICONI, 2018). Estudos mostram que mães e pais adquirem estresse e problemas de saúde ao cuidar de crianças com deficiência, além de toda mudança na rotina, eles acabam tendo que lidar com a aceitação das pessoas ao redor, comentários emoções e sentimentos variados (SPINAZOLA *et al.*, 2018).

Categoria 4 – O tea e a carência de informação

“...Grande parte eu busquei, porque como eu só desconfie, eu não conhecia o autismo, eu não sabia do que se tratava, como ele era uma criança que não se desenvolvia como as outras, a gente desconfiou e por conversar com uma mãe que é mãe do autista, prima do meu esposo ela passou, e daí eu que fui buscar, fui saber do que se tratava e depois foi que os especialistas me passaram direitinho o que era, e até hoje eu continuo buscando informações...” (MÃE 1)
 “...É no começo quando eu descobri o autismo nele, as informações que eu tive foi quase nada, foi zero. Eu mesma fui pesquisar...” (MÃE 4)
 “...Tive as informações porque eu busquei, eu busquei a informação, comecei a estudar, procurar em livros, literaturas, fui no computador, pesquisei do google, pesquisei muito, até hoje não paro, sempre tô pesquisando coisas novas...” (MÃE 10)

Nas discussões as mães relatam acima que poucas informações sobre o autismo do próprio filho não foram bem passadas a elas, os profissionais da área não explicam com o que vai lidar daqui para frente. Já pode-se imaginar que é um choque receber a notícia e não ter informações suficientes torna a situação mais crítica. A causa do autismo ainda é desconhecida, sabe-se que trata de um transtorno que acomete o sistema nervoso central, e atinge a interação social, comportamental e a linguagem. A criança/adolescente que tem o autismo precisa de acompanhamento com profissionais para que haja desenvolvimento nas funções acometidas (PINTO *et al.*, 2016). Sabendo que as mães precisam de informações para buscar o melhor para seus filhos, estudos mostram que alguns autistas conseguem desenvolver técnicas aguçadas para algumas áreas, uma pesquisadora envolveu professora, a diretora, a coordenadora, a mãe e a própria adolescente para ver o desenvolvimento e beneficiá-la na aprendizagem. A menina teve resultados positivos neste estudo (APORTA; LACERDA, 2018).

Considerações Finais

O TEA ainda é uma incógnita para muitas mães, algumas, não receberam todas as informações que precisam frente ao diagnóstico, elas entendem que é um transtorno que não tem cura e que precisa ser cuidado para o resto da vida. Muitas mães citam o TEA como uma “doença” ou “síndrome”, assim podemos observar que ainda são carentes de informações. Caso como: procurar um hospital de referência infantil no Estado por conta própria para saber o porquê do atraso de desenvolvimento do seu filho, foi uma das medidas tomadas por uma mãe, sem ao menos orientação profissional, fatos de problemas primários na saúde que poderiam ter sido detectados ainda no acompanhamento dessa criança. O objetivo deste estudo foi alcançado quando as pesquisas mostram que, todas as mães inicialmente foram impactadas pelo diagnóstico. A maioria delas, não recebeu as informações precisas sobre o

TEA, algumas informações foram estudadas por conta própria. Este estudo mostra que os profissionais que atuam na área precisam esclarecer aos familiares todas as características do que a criança apresenta, para que as mães saibam onde buscar ajuda necessário. Houve alguns contratemos durante as coletas como: alguns dias de reforma no setor do Autismo na FUNAD, cancelando assim, os atendimentos e atrasando a coleta. Eventos como reuniões por parte dos profissionais que trabalhavam no setor fazendo com que as mães não comparecessem nas consultas. Também durante algumas entrevistas as crianças, quando estavam com as mães, ficavam agitadas por não entender a mudança na rotina dos atendimentos, causadas pelas entrevistas, e assim dificultando o acesso às mães tendo que pausar, perguntar novamente para que as respostas do estudo saíssem de forma fidedigna. Mas, mesmo diante as dificuldades foi possível concluir o estudo e atingir as metas da pesquisa. Este estudo servirá para colaborar com as próximas pesquisas sobre o TEA, e os impactos causados as mães, tanto como fonte de informação para mães e também para quem precisa entender melhor sobre o transtorno, para futuros trabalhos e pesquisas, para o avanço nos estudos sobre o transtorno, já que até hoje não se sabe a causa específica do TEA. Como também, na contribuição de estudos em busca de verificar o porquê do crescimento exorbitante de crianças com o autismo.

REFERÊNCIAS

- APORTA, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. Revista Brasileira de Educação Especial, [s.l.], v. 24, n. 1, p.45-58, mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000100005>.
- BARBOSA, Milene R. Pereira; FERNANDES, Fernanda D. Miranda. Qualidade de vida dos cuidadores de crianças com transtorno do espectro autístico. Qualidade de vida e autismo, São Paulo, p. 482-6, 14 mar. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda_Fernandes4/publication/250052331_Qualidade_de_vida_dos_cuidadores_de_crianças_com_transtorno_do_espectro_autístico/links/570bb88508aea660813b0f69/Qualidade-de-vida-dos-cuidadores-de-crianças-com-transtorno-do-espectro-autístico.pdf. Acesso em: 7 abr. 2019.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: edição 70, 2011.
- BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. Psicologia Escolar e Educacional, [s.l.], v. 22, n. 1, p.163-172, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018013926>.
- CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. Educação em Revista, Belo Horizonte, 11 jul. 2016. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 4 jun. 2019
- CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. Psico-usf, [s.l.], v. 23, n. 1, p.47-58, mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230105>.
- SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. Psicologia em Estudo, [s.l.], v. 16, n. 1, p.43-50, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722011000100006>.
- CORREA, Bianca ; SIMAS, Francine; PORTES, João Rodrigo Maciel. Metas de Socialização e Estratégias de Ação de Mães de Crianças com Suspeita de Transtorno do Espectro Autista. Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, SP, 20 dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000200293&lang=pt#aff1. Acesso em: 15 maio 2019.
- COSSIO, Anelise do Pinho et al. Benefícios e Nível de Participação na Intervenção Precoce: Perspectivas de Mães de Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo. Revista Brasileira de Educação Especial, [s.l.], v. 23, n. 4, p.505-516, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382317000400003>.
- FERNANDES, Amanda Souza; SANTOS, Jamile Ferreira; MORATO, Giovana Garcia. A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rto/article/view/141694/150589>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- GOMES, Paulyane T.M. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. Jornal de Pediatria, Minas Gerais, p. 0021-7557, 27 ago. 2014. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- GONÇALVES, Amanda Pilosio et al. Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 28 maio 2019.
- LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias et al. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. Fractal: Revista de Psicologia, [s.l.], v. 28, n. 3, p.351-361, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1229>.
- LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. AUTISMO: Propostas de Intervenção. Propostas de Intervenção, Itaperuna-RJ, 2016. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 29 maio 2019.
- MAIA, Fernanda Alves et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. Cadernos Saúde Coletiva, Montes Claros (MG), Brasil., 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2016000200228&lang=pt. Acesso em: 14 maio 2019.
- MAIA, Fernanda Alves et al. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, [s.l.], v. 34, n. 8, p.2-14, 20 ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00109917>.
- MAIA, Fernanda Alves et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. Cadernos Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 14 jun. 2016. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 4 jun. 2019.

- MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. *Boletim paulista de geografia*, São Paulo, v. 84, p. 105-136, 2006. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 14 out. 2019
- MISQUIATTI, Andréa Regina Nunes *et al.* Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores, São Paulo, 30 maio 2014. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- MOXOTÓ, Glória de Fátima Araújo; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Avaliação de Treinode Controle do Stress para Mães de Crianças com Transtornos do Espectro Autista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 14 dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400016&lang=pt. Acesso em: 14 maio 2019.
- OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Revendo ciências básicas*, São Paulo, p. 234-238, maio. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/eins/v15n2/pt_1679-4508-eins-15-02-0233.pdf. Acesso em: 17 out. 2018
- PEREIRA, Marília Luiz; BORDINI, Daniela; ZAPPITELLI, Marcelo C. Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, p. 56-64, 28 nov. 2017. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/articloe/view/11318/7054>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- PINTO, RayssaNaftaly Muniz *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Autismo infantil: el impacto del diagnóstico y efectos sobre las relaciones familiares*, Porto Alegre, 24 ago. 2016. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- PINTO, RayssaNaftaly Muniz *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, [s.l.], v. 37, n. 3, p.1-9, 2016. *FapUNIFESP (SciELO)*. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>.
- SPINAZOLA, Cariza de Cássia *et al.* Crianças com Deficiência Física, Síndrome de Down e Autismo: Comparação de Características Familiares na Perspectiva Materna na Realidade Brasileira. *Revista Brasileira de Educação Especial*, [s.l.], v. 24, n. 2, p.199-216, abr. 2018. *FapUNIFESP (SciELO)*. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000200004>.
